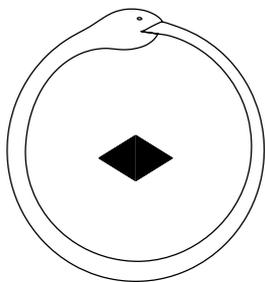


GIRA CÓSMICA
Selvagem e alunes Princeton



cadernos
SELVAGEM



GIRA CÓSMICA

Selvagem e alunes Princeton

A convite do Pedro Meira Monteiro, no primeiro semestre de 2022, vivemos a experiência do encontro entre alunes da Universidade de Princeton e o Ciclo de Estudos Selvagem. Foram 12 aulas num curso intitulado *Environmental Literature: Thinking Through Plants*, que reuniu sete estudantes de graduação e pós-graduação. Foi um mergulho na natureza colaborativa e metamórfica de Gaia tendo como suporte a teia Selvagem que entrelaça visões científicas, artísticas, indígenas, tradicionais e de outras espécies. Se pensávamos no desafio do cruzamento de modelos de estudos e de nosso distanciamento físico-geográfico, fomos surpreendidos pela afetuosa conexão dos sentidos. Gaia falou através de nós, e começou a dançar.

Este caderno é a partitura da coreografia desenhada pelas reflexões, narrativas e produções criativas, experimentadas pelo grupo de alunes (Allie, Catarina, Ethan, David, Pedro, Liam e Nora) e por Victoria Mouawad, do Selvagem. Palavras que ressoaram ao longo do semestre foram a base para a criação dele. O primeiro movimento da composição coreográfica foi um sorteio à moda antiga, onde cada alune sugeriu um número de palavras para guiar este caderno. Em uma cuia cuja maioria dos números não ultrapassava a faixa dos 25, foi a maior cifra entre os papezinhos dobrados, colocada por engano, que venceu: 88. Apesar do espanto inicial diante desse desafio, o caráter metafísico dos nossos encontros exigia respeito à resposta oracular. Então, coletivamente, selecionamos as 88 palavras que figuram no índice remissivo interativo deste caderno. A partir delas, tentou-se criar uma linha narrativa que trama poesia, intervenções visuais e nossas discussões semanais durante o curso.

A dança catalisou também outros dançarinos. Ailton Krenak, José Miguel Wisnik e Iara Rennó se embalaram numa conversa com nossa turma híbrida e a conversa, ainda, se desdobrou em um filme experimental. Aula vira conversa, conversa vira caderno, conversa vira dança, dança vira aula...

Se possível, nunca mais vamos parar, afinal estar na gira cósmica é a melhor forma de viver.

Anna Dantes

Gaia é o nome do sistema vivo planetário da Terra.

Será que podemos ouvir Gaia, **ouvir a Terra?**

Somos capazes de penetrar no espaço-som?

E se conseguimos ouvi-la, como avisá-la, que, na verdade, entendemos o que está dizendo?

[tempo/ritmo]

Natureza muitas naturezas

que treme na noite

que treme de vida

que treme, sempre treme

no que está morto

no que ainda vive

todas as coisas

[orquestra da floresta,

sinfonias & polifonias]

E se a linguagem fosse apenas uma extensão dos sons que escutamos na natureza?

E se nossas vozes não fossem limitadas por nossos corpos?

E se pudéssemos falar através dos objetos não-corporais?



ETHAN: De muitas maneiras, penso que somos a música – organismos vivos. A cada **pulsção**, uma batida de tambor. O pensamento, como a própria vida, é um **fluxo** de matéria e energia. Pensamento é **corpo**.



LIAM: Se o pensamento é o próprio **corpo**, me veio a pergunta: como seria o corpo auditivo das plantas? Como é a audição inútil, as camadas sonoras que levam à cosmogênese na própria matéria que elas bebem e respiram?



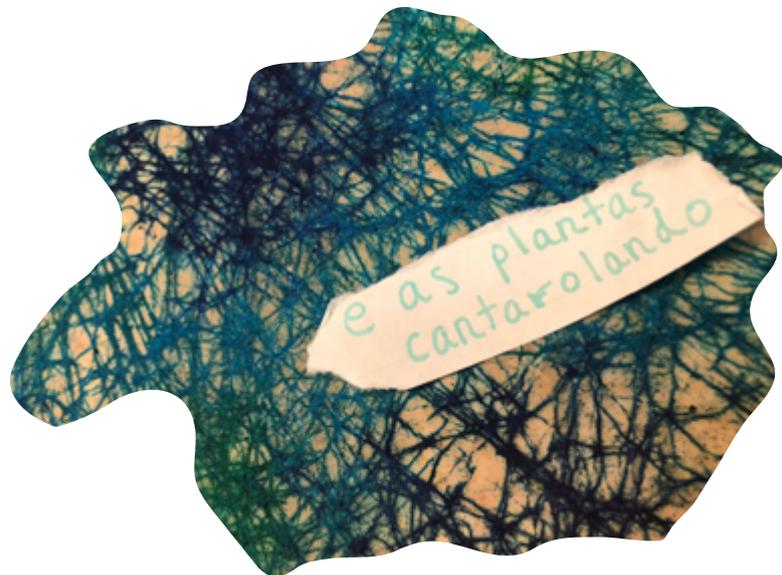
CATARINA: Liam, estava justamente refletindo sobre o mundo dos sons, uma obsessão, e não podia deixar de pensar em como o som pode atravessar até mesmo as paredes mais sólidas, como os fantasmas. Aliás, Allie, onde fica esta casa abandonada do vídeo que você me mandou?



ALLIE: Catarina, não é uma casa abandonada! É a casa da minha vizinha, onde o **mundo invisível** nos fala através dos beijos do **vento** e do **farfalhar** das folhas.

[vibrações, pulsações]

O som enquanto vibração e assim, enquanto movimento, não pode existir num mundo estático. Toda vida é vibração. O próprio **corpo** é um tambor que ressoa com as vibrações do mundo.



[música e presença]

A natureza fala, mas...

só a gente que não ouve.

Como fazer para ouvir sem então converter o som em parte da permanência estática?

Não só ouvir, mas ver o **mundo invisível**.



PEDRO MEIRA: O sopro da floresta vem de *nẽ rope*, ensina o xamã Davi Kopenawa Yanomami. Para ver esse sopro e se acercar do inesperado da vida, os seus olhos “sabem morrer sob o poder da *γãkoana*”. Só com os olhos mortos para o que vemos, veremos o invisível.

[invisibilidade]

“[...] Os espíritos sapo, os espíritos jacaré e os espíritos peixe são os donos dos rios, assim como os espíritos arara, papagaio, anta e veado e todos os outros espíritos animais são os donos da floresta. Assim é. Os **xapiri** estão constantemente circulando por toda a mata, sem sabermos. São eles que, vindo das montanhas, fazem surgir os ventos com suas corridas e brincadeiras, tanto a brisa do tempo seco, iproko, como o **vento** da época das cheias, yari. São os espíritos da chuva maari que descem do céu para refrescar a terra com suas águas e mandar embora o tempo de epidemia.”¹

[palavra invisível]



PEDRO PIMENTA: Será que somos nós também espíritos para os “humanos” noutra dimensão?

1. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 486.

e que desgraça é
quando o sopro do **vento**
não vem **inesperadamente**
beijar nosso não rosto
e nossa não cabeça



PEDRO MEIRA: *Os manequins perderam a cabeça* e parece que desejam a árvore do outro lado da rua, aquela que se espelha no vidro. Talvez sintam falta do frescor inesperado do poema.



NORA: *Os manequins perderam a cabeça* ou nós?



LIAM: Quando vivia numa casa entre a floresta e uma estância de esqui no sul da Califórnia, despertava cada dia ao som dos pica-paus de bolota tentando fazer de nossa casa seu celeiro. Esse tipo de pica-pau é bem comunitário— ao contrário de muitos *pica-paus*, estes vivem em grupos enormes, todos colaborando para criar e encher com suas *bolotas* todos os buracos possíveis antes do inverno. Enquanto a floresta da região queimava — devido às pirotecnias de um “chá revelação” nos arredores de Los Angeles – e nós esperávamos as instruções de evacuação, os pica-paus seguiam seu pequeno trabalho comunitário. Mesmo quando seu mundo da floresta vizinha ainda não estava em chamas, seus gritos sugeriam que algo estava perto, estava chegando. Anunciaram a revolução, planejando suas logísticas pelo ar, a partir das sementes que nutriram o povo-floresta e o povo pica-pau. Participaram numa *ontogênese* de mundo semente, de fruto somático dos carvalhos, ou da matéria micorriza e suas bactérias e os demais micromundos que se fundiam e elaboravam no planeta-revolução.

Raízes, acima e abaixo

Somente semente

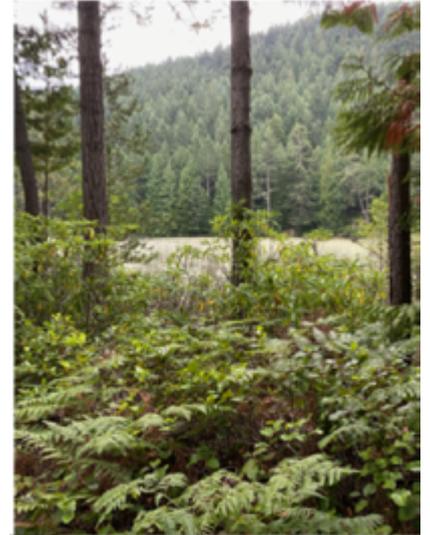
forte, enraizado, infinito

o mundo vai continuar além de nós

Cederemos nossa posição

sem graça

e talvez algo mais belo cresça.



*Não existe “a” samambaia,
Samambaia sozinha, isolada*

A samambaia sozinha morre.

*Não é só “a” samambaia, mas
O solo no qual cresce
O rio que nutre suas raízes
A montanha que a protege dos ventos
As árvores que bloqueiam o sol
E as outras samambaias
Que compartilham a terra*

*Na natureza não há plantas
Mas só uma planta
Que chamamos o planeta*



ANNA: Estamos escrevendo em conjunto, como na dança da **jiboia**, a **dança cósmica**. Estamos nos embolando em **simbiose** e isso é vida, pode ser divertido.



LIAM: Precisamos de um aparato sensorial aberto à pluriversalidade inerente e efetivamente ‘*cosmopolítica*’ do espaço e seus sons, luzes e texturas. Pode ser que já exista no corpo, no nosso corpo coletivo.

Coevolução

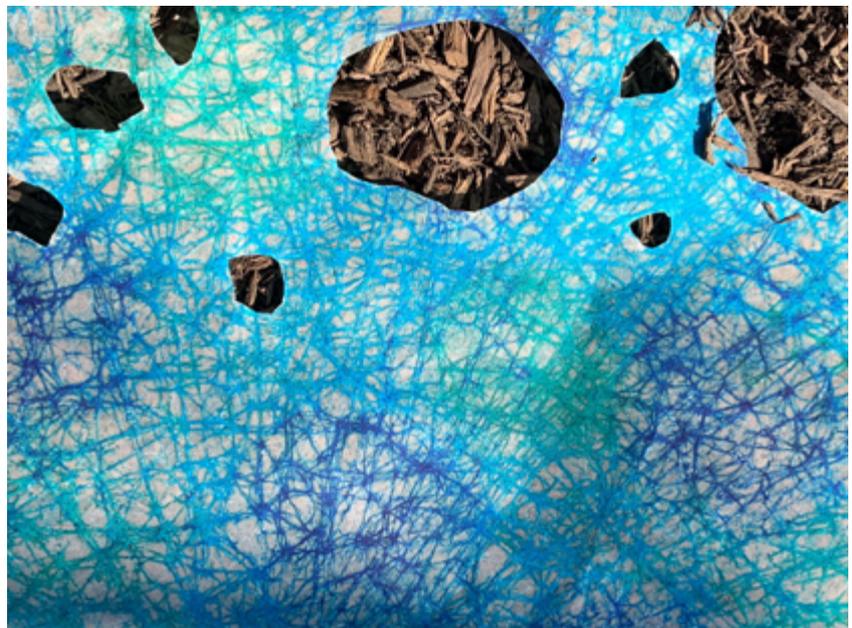
s.f. *evol* evolução interdependente de duas espécies, em decorrência das importantes relações ecológicas existentes entre ambas

[micélios]



ALLIE: No caderno *Complementaridade e transformação yepamahsã*, João Paulo Lima Barreto expressa essa ideia de um “*eu-ininterrupto*”, como discutimos a semana passada, quando diz que no corpo existe vegetal, animal, fogo, água, solo, ar, e que “quando uma dessas substâncias estiver desequilibrada [...] isso vai se manifestar como doenças”. Neste conhecimento do corpo em equilíbrio com entidades não-corporais, parece-me que a medicina indígena pode tratar da doença como um problema interno do corpo, enquanto no pensamento ocidental, pensamos frequentemente que a doença é algo que afeta o corpo autossustentável e limitado do exterior - i.e. o **vírus** como a infecção de um corpo por um ser estrangeiro.

[terra / solo /
subsolo / consolo]



[mistura]



Click this message to see what to do if you test positive for COVID-19.

Test Results

Displaying 1 to 15 of 41 available results.

Specimen Collection: 2022-04-04

Sample ID#: FR166080153409

**Reporting Laboratory: Princeton University Clinical
Lab CLIS #0014228**

Specimen Type: Saliva

Report Date: 2022-04-05

Result: Detected



ALLIE: Não sei como repensar meu próprio conhecimento da doença e da medicina para incorporar essa ideia do equilíbrio entre as vidas diversas que o corpo contém; sempre pensei na enfermidade como algo vindo de fora.



CATARINA: Enquanto lia a tese de João Paulo Barreto, especialmente quando ele comenta sobre as parcerias entre a medicina indígena e a medicina branca – e pensando, de novo, na paciente que esperava pela “milagrosa” cura indígena – me pergunto sobre como nós brancos podemos nos aproximar deste sistema de conhecimento, e de cura, de uma forma que não seja de apropriação, mas de fato de aprendizagem (porque me perguntava se não seria um pouco aproveitador se voltar à medicina indígena buscando a cura individual quando na maior parte do tempo este conhecimento é desrespeitado.)



ETHAN: Gosto muito de pensar em identidade de uma nova maneira, através de uma lente indígena. Também acho super legal pensar em almas de uma maneira muito menos ocidental - plantas tendo **almas**, e todo ser vivo fazendo parte de uma teia de almas mais grandiosa que as conecta ao seu mundo.

*Tanto quanto sabemos,
Gaia é a vida na sua totalidade*

*Cada reação
do celular ao espiritual
uma cascata de mudanças
multiplicando-se ao longo
e sem tempo*

E nós?

*Talvez a podridão enzimática
Talvez o solo fecundo
Talvez o corpo
uma fatia infinitesimal do
infinito
e, portanto, infinito
mesmo em sua pequenez*



NORA: A partir das leituras e dos vídeos onde as flores são a base da *virada vegetal* e as comunidades indígenas vestem as roupas dos animais que querem personificar, eu quis fazer uma mistura de ambos temas: umas roupas onde vestimos as flores. O eu-ininterrupto é também uma flor.



ANNA: A graça do mundo é que ele é *incontrolável*.



ETHAN: O que é interessante para mim é que *incontrolável* não significa puramente caótico, ou totalmente desregulamentado. Só porque está fora de nosso controle, não significa que esteja fora de controle.

[pluralidade]

Deixando aberto o fato que há muitos mundos.

Dentro e além do nosso mundo.



CATARINA: quando eu era pequena, estudava em uma escola hippie. chamava-se Sarapiquá (um nome inventado pelos alunos), e era um sítio-escola. estudávamos, nas ruínas, até a quinta série, o trabalho que os duendes faziam na floresta (por isso, até os doze, se eu visse uma fumaça na floresta, tinha certeza que era o trabalho dos trolls, e não é preciso dizer que quando me mudei para uma escola “real”, com matérias “reais”, comecei a ir muito mal e achar que nada daquilo fazia sentido). talvez daí que eu não tenha duvidado nem por um segundo da teoria de Gaia – parecia perfeitamente adequada ao tipo de ambiente em que cresci: no sarapiquá, nos juntávamos uma vez por mês para limpar a cachoeira, e isso era chamado “o mutirão”: munidos de esponjas, esfregávamos as pedras para tirar – acho – as larvas de mosquitos da dengue ou algo parecido. mas era gostoso esfregar as pedras, e era perigoso também, porque eram escorregadias e sempre havia uma mãe (normalmente a minha), dizendo para ter cuidado para não escorregar, cair, bater a cabeça, com a força da água, e morrer.

[queda]

Descarte

Descartes

Descarte

Descartes

Descarte

Descartes

Descarte

Descartes



DAVID: Acho que o que para nós parece incontrolável e assustador da natureza é muitas vezes aquilo que está além da nossa *racionalidade* e das nossas formas de pensar o mundo.

[intenção]

a natureza não existe para ser controlada.

[expectativa e presença]



LIAM: Andar a esmo é encontrar o aleatório?

Aristóteles andava a esmo?

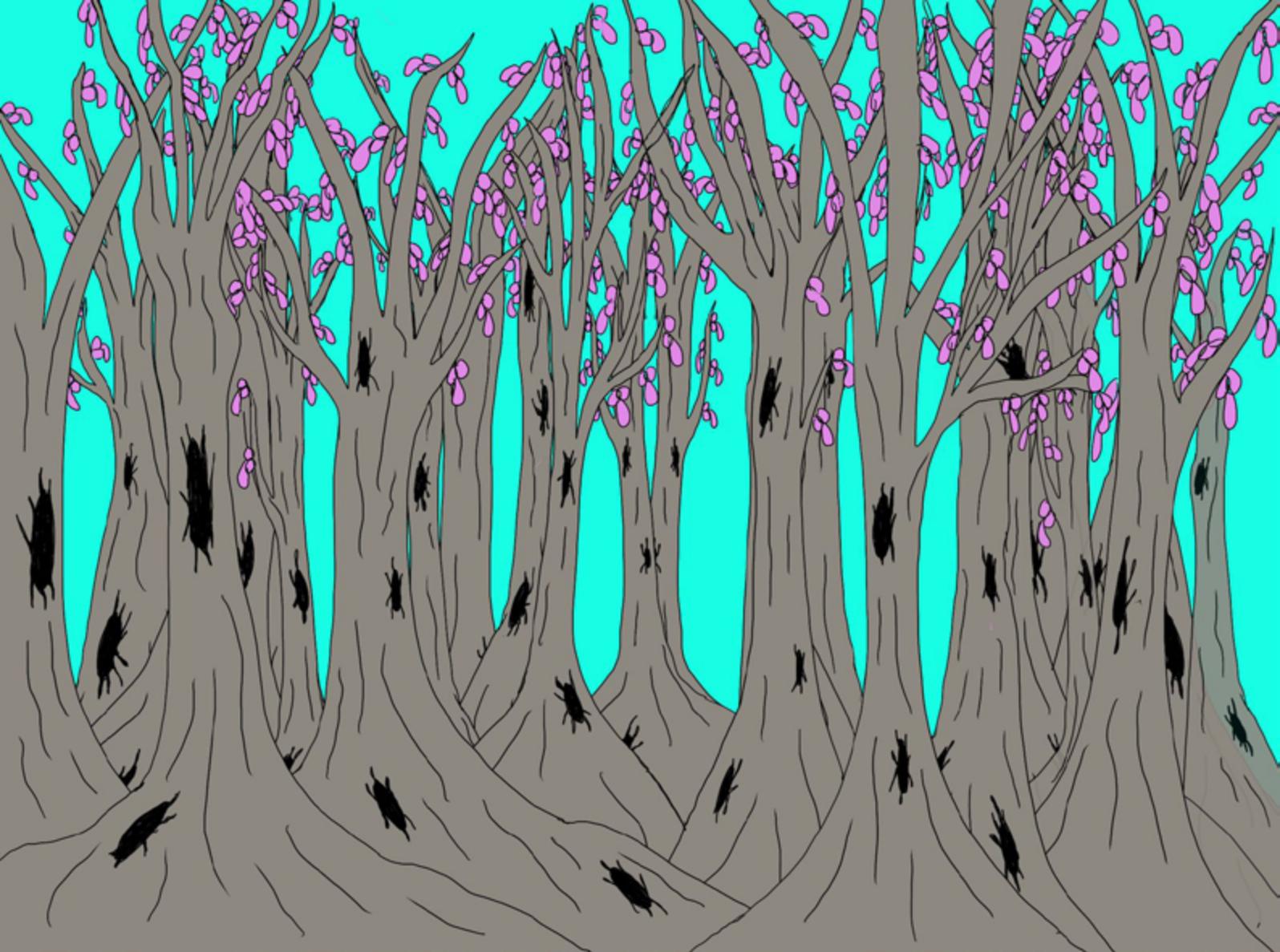


ANNA: Vocês têm percorrido tantos lugares, andado pelas frestas, experimentado visões e estão de um outro lado da esfera. emitem daí sinais, sons, símbolos que conversam com a floresta. Estamos dançando numa comunicação de corpos e ritmos.

*e que tédio incessante
viver sem nunca mais nos surpreender
com um inseto rastejante
invadindo nossa casa sem antes bater.*

*e que aborrecimento sem fim
se não pudéssemos admirar
uma erva a brotar
inusitada no jardim.*

ra
ragiragiragiragiragiragiragiragiragiragiragiragi
gi
seres transcendentés



[olhar e escuta]

Latente nos objetos fica o traço invisível e solidificado da sua origem. As casas são construídas com materiais que vazam formaldeído na atmosfera. Inspiramos o mundo da preservação do corpo que nos mata. Uma mesa respira as palavras da floresta, as cadeiras, os fungos-redes que sentam no solo. E nós, um artefato de insistência. Olhamos sem memória com olhos, mas o ver precisa de *pressentir*.

[fluidez da vida]



PEDRO MEIRA: Seria o *transe* um mergulho nas histórias ouvidas dos antepassados, capaz de torná-las palpáveis por meio da experiência xamânica? Ou seria o mergulho do xamã uma atenção de outra ordem, capaz de colocá-lo em comunhão com o que nós pobremente chamamos de “paisagem”?



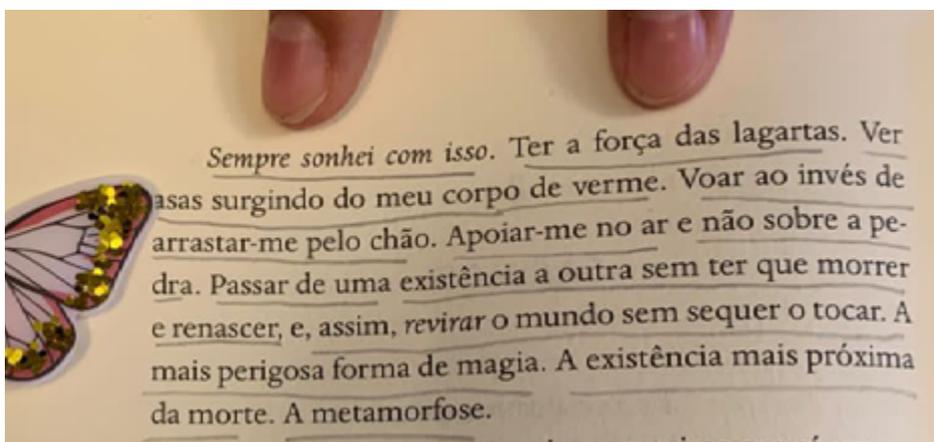
PEDRO PIMENTA: Sempre me perguntei porque me sinto tão em casa quando estou no mar. Acho que é porque uma parte de mim nunca saiu de lá. A minha existência imaterial implora que, pelo menos, molhe os dedos dos pés na água de onde vim. E como em todos os outros seres que tiveram a pouca sorte de deixar de ouvir a serpente.



[transformação metaquímica]

A origem do mundo está em todo lugar,
e existe em cada instante.
É um processo constantemente em curso.

[metamorfose]



DAVID: Tudo estava misturado, misturado entre si, desde a infância até a última vez que estive lá.

[transmigração cósmica]

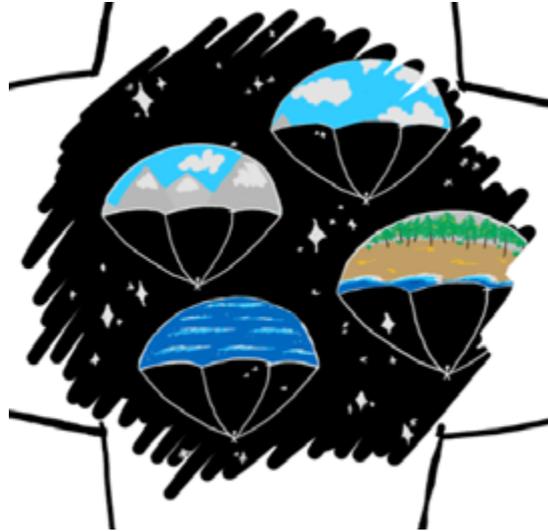
O movimento do corpo-folha na linguagem da floresta-sonora.
Uma maneira de se mover no mundo com outres.



CATARINA: *Nefelibata* é, etimologicamente, aquele que anda pelas nuvens. Será bom?



ALLIE: Adoro a ideia do Ailton Krenak que não podemos “eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de *paraquedas coloridos*.” Eu acho que a dança cósmica é o *sonho coletivo*, através do qual nós criamos a nossa realidade - ou pelo menos, aprendemos novos jeitos como perceber essa realidade. A dança cósmica é acima de tudo a alegria, a alegria ao viver e sonhar todos juntos.



[Confiar / fiar / tecer /
costura / costurar]

Tecer ideias, palavras, sons e corporalidades.

Criar barucos (buracos) comuns, espaços de criatividade coletiva. Na costura coletiva do social, nos lançamos no desafio de levar o eu coletivo para o não previsto – nosso vocabulário do inglês-portunhol nos chama a inventar.

[bordado onírico]

Que confusão!

PERSONAGEM INVISÍVEL: Calma, leitoras e leitores. Não tentem racionalizar demais. Essa *transcrição* é só uma *brincadeira*.



ETHAN: Eu posso inspirar, empurrar minha barriga para dentro e para fora, aumentar ou encolher meu corpo. Minha membrana, esta **pele** que me encerra, pode ser rasgada, cortada, arranhada, penetrada, mudada.

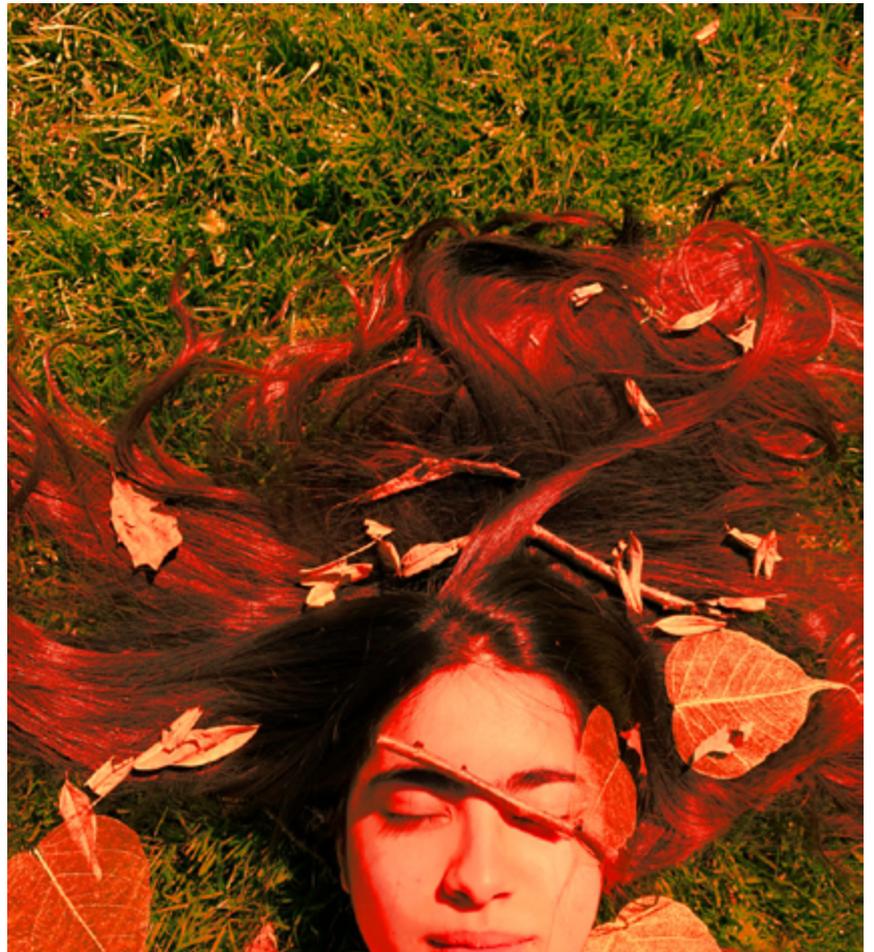


VICTORIA: Durante o sonho, a **membrana** que separa o consciente do inconsciente atinge o ápice de sua permeabilidade. É ao sonhar que as barreiras aparentemente intransponíveis entre ficção e realidade, consciente e inconsciente, visível e invisível, se afrouxam, ficam macias e transponíveis por algumas horas.



NORA: Eu sempre confio nos sonhos para minhas escolhas.

Se a barreira é algo que separa, a **membrana**, é uma **película** que permite que as coisas e as ideias a atravessem. Como atravessar a barreira das realidades? Como satisfazer esse **desejo** de passear livremente entre elas?





PEDRO PIMENTA: Acontece-me muitas vezes não conseguir distinguir o que se passou quando dormia do que acontece na “realidade”. Será esta confusão evidência de que podemos comunicar através da **membrana** durante os nossos sonhos?

“os brancos dormem muito,
mas só conseguem sonhar com eles mesmos”

diz Davi Kopenawa em *A queda do céu*.



ALLIE: Se eu só posso sonhar comigo mesma, é por causa da metástase do capitalismo (para tomar emprestado um conceito de Ailton Krenak) no reino dos sonhos. A gente pergunta: Qual é o seu trabalho dos sonhos? [*What is your dream job?*] Como se nossos mundos de **fantasia** fossem construídos pelo trabalho. Como se o dinheiro fosse a moeda do sonho.



LIAM: *Como fazer com que a gente sonhe, quando as oportunidades para sonhar na organização da temporalidade no sistema ‘moderno-capitalista-colonial’ são cercados e deslocados pelas lógicas insistentes do desenvolvimento? É possível sonhar na cidade?*

[*idades e aldeias*]



DAVID: Eu acho que no sonho há, também, a possibilidade de repensar o conhecido, o familiar – que no meu caso não é necessariamente a floresta, o espaço natural. Eu sonho muito com a cidade e com os espaços que eu conheço mais intimamente, minha escola da infância, minha universidade na Colômbia, as ruas, as pessoas, os sons do dia a dia e as situações do cotidiano – mas sempre com elementos que rompem a calma do cotidiano e cujas causas não são nunca explicitadas. A selva dos meus sonhos é, nesse sentido, meu passado, e também meu presente. É uma selva temporal mesmo que espacial, uma selva discursiva, feita de palavras, de imagens cambiantes, de significantes múltiplas. Uma selva que muda e cujas formas e padrões eu conheço muito bem, mesmo se às vezes resultam aterrorizantes.

*Cale tudo,
feche seus olhos,
contenha a vida nos pulmões;
no afogar-se das suas brônquias.*

*Cesse a luta,
Perca sentido o interesse
A oferta
A demanda
Pois dorme tudo
Cala, espera e se contém.*

*Sonha tudo,
Como sonham as crianças
na praia
Como sonha o corretor de Wall Street
E sonha o navegante, quem acha
que descobre novas terras
Sonham, todos sonham.*

*Enganados pelo amor, o poder e as vitórias
Revividos de esperanças, planos e ocorrências*



LIAM: Tenho um sonho recorrente no qual estou sentado num banco (normal, como de qualquer parque) com minha tia, e desde nossa posição na colina, vemos no horizonte físico imediato uma torre de eletricidade, uma dessas que leva as linhas de transmissão, que parecem humanos-metals-gigantes. E começam a cair em chamas e faíscas, e mais distante, a usina de energia também está em chamas. Mas o estranho é que me sinto bastante normal, não entro em pânico. Está simplesmente acontecendo, eu e minha tia sentados. Quando “desperto”, é o fato de que não sentia nada que me dá um desassossego enorme. Como adiar o fim do mundo, sentado num banco, olhando?



CATARINA: Liam, adoro a pergunta: Como adiar o fim do mundo, sentado num banco, olhando?

Sonhos inquietos
Sonhos sérios
Sombras do primeiro amor sincero
das infâncias
Impulsos *de aventura*
Brincadeiras que fogem aos poucos
às palavras
Sussurros frágeis
Inspirados, corajosos, criativos
Risco, amor, criatividade
A ambição, cobiça e desmedida
Sonhos que se sonham a si próprios
Sonhos que outros sonharam antes



PEDRO PIMENTA: Talvez os nossos sonhos sejam um bom ponto de partida para começarmos a esvaziar a nossa “*mochila ocidental*”.



PERSONAGEM INVISÍVEL: Essa mochila é tão pesada pois é nela que vocês carregam todas as **caixinhas da ciência**, aquelas que separam, enquadram e limitam os corpos, saberes e seres. Tirem todas as caixas para fora, e montem como uma boneca russa, colocando uma dentro da outra. Quando juntarem todas, restará só uma. Parem e apreciem a cena. Vocês verão o quadrado magicamente se transformar em círculo.

quase uma **telepatia**

um recreio sem fim

(o vazio entre os dois mundos)

a fim de encarar o deserto –

Sim: há uma constelação de seres que potencializam a vida

um fio de seda que sai da barriga da **aranha**

e vibra

o corpo da **aranha** –

aranhas desorientadas –

mil tipos de teias –

o fio da pulsão vital

(e onde estão as nossas patas?)

PESSOA = “soar através”, portanto **per/**

sona

< sopro vital >

< bordadeiras, >

(e a ideia de que cada corpo deveria saber

quanto pesa um humano

na terra

– como um bebê de três dias)



[melão de são caetano]



PEDRO PIMENTA: É um pouco desconfortante pensar nas limitações impostas apenas pelo lugar e tempo em que nascemos. Mais assustador ainda é o fato de que estamos constantemente limitados, mas nem nos damos conta. Porque sempre fomos ensinados que esta é a normalidade. Tudo além disso foi-nos sempre imposto como obra da **imaginação**.

*eu gostaria de escrever um poema
que desse conta de mostrar
como era a cidade, daqui,
mas ainda estamos em maio
e já não era inverno:
as folhas começavam a aparecer por baixo do rio congelado
e enquanto isso eu pensava se iríamos mesmo*

alucinar –



ETHAN: Embora eu pense que uma visão mais holística do mundo está agora em voga, assim como o uso do “conhecimento nativo”, penso que ele é mais baseado no indivíduo do que no coletivo. Sem esta mentalidade coletiva, que francamente não vejo um futuro, não creio que a sociedade ocidental ou mesmo a sociedade tecnologicamente desenvolvida em geral se desviará deste caminho no tempo.

[pertencimento]

Princeton, suas calçadas regulares, suas cercas vivas, seus pinheiros, suas curvas agradáveis e seu lago. Me sentia infinitamente distante do mundo dos meus sonhos, de suas preocupações, seus medos e suas sombras de intensidade adolescente. Quase como se aquele menino correndo pelas ruas da Colômbia nunca tivesse existido. E, no entanto, talvez não haja nada mais real do que aquele menino. Talvez o que parece presente, imediato, claro, não seja mais do que uma sombra do que parece remoto, quase totalmente perdido, uma possibilidade subjetiva, nada mais.



&Amor

*no primeiro tempo,
no último tempo
somente **beleza***

nenhuma resposta

1. GAIA – 3, 12, 14
2. OUVIR A TERRA – 3
3. TEMPO/RITMO – 3
4. ORQUESTRA DA FLORESTA, SINFONIAS & POLIFONIAS – 3
5. VIBRAÇÕES, PULSAÇÕES – 4
6. CORPO – 4, 10, 11, 18, 21, 26, 28
7. FLUXO – 4
8. MUNDO INVISÍVEL – 4, 5
9. FARFALHAR – 4
10. VENTO – 4, 6, 7
11. MÚSICA E PRESENÇA – 5
12. A NATUREZA FALA – 5
13. INVISIBILIDADE – 5
14. XAPIRI – 6
15. PALAVRA INVISÍVEL - 6
16. INESPERADAMENTE – 7
17. OS MANEQUINS PERDERAM A CABEÇA – 7
18. FUTURO/FRUTO – 8
19. PICA-PAU – 8
20. BOLOTAS – 8
21. ONTOGÊNESE – 8
22. RAÍZES, ACIMA E ABAIXO – 8
23. SEMENTE – 8
24. SAMAMBAIA – 9
25. JIBOIA – 9
26. DANÇA CÓSMICA – 9, 19
27. SIMBIOSE – 9
28. COEVOLUÇÃO – 10
29. MICÉLIOS – 10
30. TERRA/SOLO/SUBSOLO/CONSOLO – 10
31. MISTURA – 10, 13
32. COSMOPOLÍTICA – 10

33. EU-ININTERRUPTO - 10, 13
34. VÍRUS - 10
35. CONTÁGIO - 11
36. ALMAS - 12
37. VIRADA VEGETAL - 13
38. PLURALIDADE - 13
39. INCONTROLÁVEL - 13, 15
40. QUEDA - 14
41. DESCARTE DESCARTES - 15
42. RACIONALIDADE - 15
43. INTENÇÃO - 15
44. EXPECTATIVA E PRESENÇA - 16
45. ANDAR A ESMO - 16
46. ALEATÓRIO - 16
47. GIRA - 16
48. SERES TRANSCENDENTES - 16
49. OLHAR E ESCUTA - 17
50. LATENTE - 17
51. TRANSE - 17
52. PRESENTIR - 17
53. FLUIDEZ DA VIDA - 17
54. EXISTÊNCIA IMATERIAL - 18
55. TRANSFORMAÇÃO METAQUÍMICA - 18
56. BORBOLETA - 18 (IMAGEM)
57. METAMORFOSE - 18
58. TRANSMIGRAÇÃO CÓSMICA - 18
59. NEFELIBATA - 19
60. PARAQUEDAS COLORIDOS - 19
61. SONHO COLETIVO - 19
62. CONFIAR/FIAR/TECER - 19
63. COSTURA/COSTURAR - 19
64. CRIAR BARUCOS (BURACOS) - 19
65. BORDADO ONÍRICO - 19
66. QUE CONFUSÃO! - 20
67. TRANSCRIÇÃO - 20

68. BRINCADEIRA – 20
69. MEMBRANA – 21, 22
70. PELE – 21
71. PELÍCULA – 21
72. DESEJO – 21
73. FANTASIA – 22
74. CIDADES E ALDEIAS – 22
75. PULMÕES – 23
76. IMPULSOS – 24
77. MOCHILA OCIDENTAL – 25
78. CAIXINHAS DA CIÊNCIA – 25
79. TELEPATIA – 26
80. ARANHA – 26
81. PER/SONA – 26
82. QUANTO PESA UM HUMANO NA TERRA? – 26
83. MELÃO DE SÃO CAETANO – 27
84. IMAGINAÇÃO – 27
85. ALUCINAR – 27
86. PERTENCIMENTO - 29
87. BELEZA – 30
88. AMOR – 30

BIOS:

ANNA DANTES

Anna Dantes passeia pelos jardins de Gaia com roupas coloridas e um estojo de aquarelas naturais na bolsa. É com essas tintas que dá vida aos desenhos que cria ao ouvir as palavras de sábias e sábios das florestas. Quando dentro d'água, passa por uma metamorfose. Basta um mergulho no mar da Baía de Guanabara que em poucos instantes sua pele vai virando escama, suas pernas e braços barbatanas, e Anna vira gente-peixe na companhia de tartarugas, diatomáceas e corais.

ALLIE MANGEL

Allie Mangel é artista e arteira, violinista e compositora, apaixonada por todos os sons. Tem uma antena poderosa voltada para as línguas. Odeia muros e adora membranas. Terminou recentemente a graduação em Princeton, em literatura comparada, com uma investigação sobre música, oralidade e registro no Caribe francófono.

CATARINA LINS

Uma planta florianopolitana que, quando regada regularmente, disfarça-se de poetisa, estudante de pós-graduação e fotossintetizadora de ideias. Quando não está falando em uma velocidade inimaginável para seus companheiros não brasileiros, você pode encontrá-la lendo em voz alta seu primeiro livro de poesia, *Músculo* (2015), ou descascando espigas de milho na companhia de seu mal-tês Max para seu próximo livro, *Um bom ano para o milho* (2022).

DAVID ANDRES RIVERA MOSQUERA

Questionando o seu papel na natureza, David é um poeta multilíngue que explora a divergência do papel do ser humano na natureza entre culturas. As suas raízes colombianas inspiram-no a refletir no contraste entre a percepção indígena e ocidental do mundo natural. Acredita que a vida é um sonho, pois tudo é sonho que nós sonhamos.

ETHAN ABRAHAM

Ethan tem um sorriso e uma energia contagiante. No terceiro ano de sua graduação em Ciências da Computação, ele tem o coração e o olho

de um artista, sempre percebendo os pequenos detalhes da vida. Ele é o tipo de pessoa que quando vai ao restaurante, não hesita em pedir comida suficiente para todos na mesa e mais ainda!

ISABELLE PASSOS

Isabelle Passos nasceu da espécie *Felis Catus*, uma derivação da *Felis silvestris*, popularmente conhecida como gato selvagem. Muito cedo foi atingida por um encanto lançado por Afrodite, deusa das Artes, que lhe concedeu o dom do desenho e a transformou em humana. Desde então, debruça-se sobre o carvão e o azul do céu para encontrar sua natureza felina. É silenciosa, elegante e bela. Quando não anda sobre telhados, faz desenhos gráficos para o Ciclo Selvagem.

LIAM SEELEY

Viajante onírico, Liam é um padeiro notável, um documentarista em segredo e um cantor a capella profissional. Fala inglês, espanhol, português e o zumbido das músicas. Seu arquivo pessoal consegue capturar os mais belos detalhes da natureza. É um mediador de conflitos em uma cooperativa de comida vegetariana graças à sua personagem simpática. Rita Segato uma vez disse que ele parece Aramis, dos Três Mosqueteiros.

NORA MUÑIZ RENEE HERNANDEZ

Nora é uma dessas acadêmicas com criatividade de sobra. Percebe a arte de uma maneira performática, aplicada e conectada com a experiência pessoal. Por isso, seu senso crítico e ético é muito desenvolvido, o que está refletido no seu trabalho e nas suas preocupações artísticas e acadêmicas. Nora gosta das ideias contraintuitivas e inusuais e é também uma escritora muito talentosa (já tem seu primeiro romance escrito!). Nora é apaixonada pelo seu país, o México, e também pelos memes, reggaeton e a literatura escrita por mulheres.

PEDRO PIMENTA

Um engenheiro amante das plantas e da poesia. Português com espírito decolonial, Pedro atravessou o Atlântico para vir estudar em Princeton. É impossível passar mais de cinco minutos ao seu lado sem gargalhar,

seu repertório infindável de piadas certeiras e ligeiras arranca sorrisos de todes à sua volta. Seu lema de vida é “Me chama que eu vou!”, o que lhe proporciona vivências incríveis por onde passa.

PEDRO MEIRA

Pedro Meira Monteiro coordena o departamento de espanhol e português na Universidade de Princeton. Isso quer dizer (apesar da palavra estática) que além de ensinar seminários como este *Thinking through Plants* [Pensando através das plantas], *Black Modernisms* [Modernismos Negros], entre outros, é ele quem promove as mais animadas giras – onde estudantes, professoras e colaboradoras do departamento dançam por horas e em várias línguas. Além disso, foi curador de exposições tais como a *Contramemória*, integra o time curatorial da Festa Literária de Paraty, e é autor de *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*, entre outros títulos.

VICTORIA MOUAWAD

Cósmicah, Victoria é navegadora de mundos. Constrói pontes entre linguagens e traduz sensibilidades, como fez quando traduziu os livros *Metamorfoses* e *Livro de Seres Invisíveis*, publicados pela Dantes Editora. Porém, suas traduções não param apenas nas linguagens escritas, Victoria é reveladora de novos mundos com suas colagens. É apaixonada por capoeira, estudante de pintura e tem uma receita inigualável de babaganuche.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Victoria Mouawad e a editoração de Isabelle Passos.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2022

